

CADERNO 3



Quinteto fantástico: o Radiohead está no Brasil para o show de divulgação de seu mais recente álbum, "In Rainbows", primeiro trabalho da banda lançado de forma independente

O palco é deles

Liderado por Thom Yorke, os ingleses do Radiohead, uma das bandas mais influentes da música pop na década de 1990, se apresentam pela primeira vez no Brasil no "Just a Fest"

FÁBIO FREIRE
Repórter

A data está marcada. Hoje na Praça da Apoteose, no Rio de Janeiro, e próximo domingo (22), na Chácara do Jockey, em São Paulo. Duas apresentações históricas de uma das bandas que ajudou a definir a sonoridade pop da década de 1990. Eles não estarão sozinhos. O DJ Maurício Valladares abre a noite. Depois de dois anos afastados, o Los Hermanos volta a se reunir para celebrar o evento. Com apenas um integrante da formação original, os alemães do Kraftwerk, considerado o grupo pioneiro da música eletrônica, avós do que tem sido feito hoje em dia, também estarão presentes. Mas a festa não é deles. Todos os holofotes estarão centrados na primeira vez que Thom Yorke, Ed O'Brien, os irmãos Jonny e Colin Greenwood e Phil Selway, integrantes do Radiohead, pisarão em palcos brasileiros.

Formado em Oxford, na Inglaterra, no final dos anos 1980, o Radiohead estourou em pleno cenário grunge, de guitarras violentas, letras raivosas e camisas de flanela. A estréia veio com "Pablo Honey" (1993) e o sucesso chegou quando "Creep" virou hit nas paradas inglesas e se tor-

MELHORES

No Surprises (Ok Computer) - "É uma das baladas mais lindas, tristes e ao mesmo tempo revoltadas, dos últimos 20 anos"

Punchdrunk Lovesick Singalong - "Um b-side fabuloso da fase 'Ok Computer' que é um raro momento de ironia no repertório do quinteto"

Life In A Glass House (Amnesiac)- "Uma canção que poderia ser um adjetivo para a palavra 'lirismo'"

There There (Hail to The Thief) - "Momento forte, robusto, em que o Radiohead bate no peito e diz 'estamos de volta'. Tanta coisa nessa canção é sensacional"

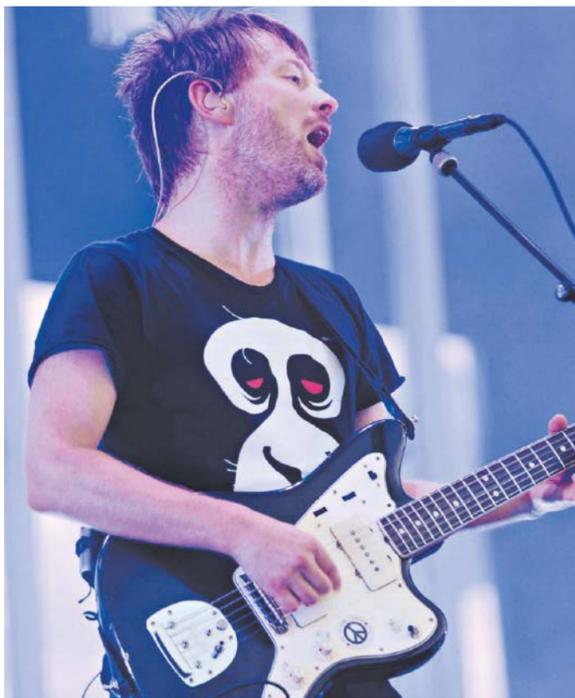
Black Star (The Bends) - "Um dos pontos altos e brilhantes da simplicidade pop do Radiohead na sua primeira fase"

Seleção por Marcelo Costa

nou hino de uma geração perdida em busca de novos ídolos. O segundo álbum, "The Bends" (1995), confirmou a ascensão do quinteto e jogou a banda em um novo patamar. De estreates, eles viraram sensação, e as guitarras atmosféricas que bebiam na fonte do rock progressivo e os gritos em falsete de Thom Yorke abriram espaço para "Fake Plastic Trees", "Just", "My Iron Lung" e "High and Dry" aumentassem o número de fãs do Radiohead.

Guitarras no lixo

A crítica já dava sinais de ter se rendido ao quinteto. Mas é com o



THOM YORKE: vocalista da banda é o líder do quinteto e a principal força criativa do Radiohead

terceiro trabalho do grupo que isso fica claro. "Ok Computer" (1995) foi alçado ao olimpo das obras-primas da música pop e jogou a sonoridade do grupo em um mar de experimentalismos cujas fontes principais eram as músicas ambiente e eletrônica. Depois de lançar um dos grandes álbuns da música pop, presença certa em listas de melhores, a banda radicalizou. Ao invés de apostar no certo, preferiu o duvidoso e seguiu caminhos pouco antes navegados com "Kid A" (2000) e "Amnesiac" (2001). As guitarras foram jogadas no lixo e abriram espaço para sons mais etéreos que apostavam em um tom bem menos comercial, o que acabou afastando os fãs menos fervorosos.

As guitarras distorcidas e as influências eletrônicas fizeram as pazes em "Hail to the Thief" (2003) e aparecem ainda em "In Rainbows", sétimo álbum da banda e o primeiro a ser comercializado através de um esquema independente. Longe das amarras das grandes gravadoras, Thom Yorke e sua banda decidiram vender o disco e as

músicas pela internet, possibilitando que os fãs pagassem o que bem quisessem pela obra. Depois de promoverem uma revolução sonora, que até hoje influencia bandas (Travis, Doves, Coldplay, Elbow, Muse, Keane e nomes nacionais como Los Hermanos e Gram são alguns dos devedores das rupturas deflagradas pelo Radiohead), eles mudaram o esquema vicioso do marketing da indústria fonográfica.

Domínio sobre a carreira

"O Radiohead é a principal banda do mundo na atualidade (nos últimos dez anos, no mínimo). A mais criativa em termos de composição, a que busca formas novas de trabalhar e vender a música, o grupo que está tentando se desligar da Indústria", decreta Marcelo Costa, jornalista e editor do site sobre cultura pop Scream & Yell, atualmente revisitando a carreira da banda através de uma série de textos. "Eles são tudo aquilo que muita gente gostaria de ser no cenário pop. Com certeza, se não tivessem optado por discos antipop após 'Ok Compu-

ter', fossem maiores ainda hoje em dia. Mas eles têm um domínio sobre a carreira que é invejável", acredita.

Mas, mesmo com uma carreira sem erros, o Radiohead levou cerca de 20 anos para aportar pela primeira vez no Brasil. Isso em um momento no qual o País entrou definitivamente na rota dos grandes shows, assistindo a apresentações de nomes tão díspares e importantes quanto Bob Dylan, Madonna, Michael Jackson, REM, U2, e promovendo grandes festivais de rock. As tentativas de trazer a banda foram muitas, nenhuma bem-sucedida. Isso até hoje à noite. "Apesar de ser um grande nome do rock mundial, o Radiohead não tem um público tão grande no Brasil, muito pelo motivo das rádios terem parado no tempo. Com isso, trazer uma banda dessas para o País - ainda mais em um período de crise e com o dólar instável - é um risco para qualquer produtor. Mas, felizmente, tem sempre alguém querendo fugir do óbvio e arriscar", anima-se Marcelo.

"Quanto ao show, vi a banda na Bélgica e na Alemanha no ano passado, em apresentações dessa mesma turnê. É um show para quem admira quem traça o próprio caminho. Melhor não esperar os hits e deixar-se envolver pelo momento. Pode ser histórico, mas também pode ser chato. Mesmo assim, vale arriscar", adianta o jornalista. Seja comercial ou musicalmente, o Radiohead tem muito a dizer e os shows do Brasil prometem apresentar ao público nacional uma banda em pleno exercício da sua capacidade criativa. ●

Mais informações:

Just a Fest. Show com as bandas Los Hermanos, Kraftwerk e Radiohead. Hoje, na Praça da Apoteose e, em São Paulo, na Chácara do Jockey, no domingo (22). Ingressos: R\$ 200 (inteira) www.justafest.com.br

- Leia mais sobre a trajetória e discografia do Radiohead no endereço www.screamyell.com.br

Comente caderno3@diariodonordeste.com.br

ENTREVISTA

MARCELO COSTA*

"O Radiohead é um porta-voz do futuro. Eles estão ditando a próxima onda"



Como você descreveria a trajetória do Radiohead?

"Pablo Honey" é um disco de influência grunge, que era o som em voga na época em que ele foi lançado. O disco seguinte, "The Bends", tem um pouco de U2 e do Smashing Pumpkins, de "Siamese Dream". Nessa época, a banda já tinha um certo respeito e caminhava para ser grande, muito grande, mas muitos não esperavam a virada radical do disco seguinte, "Ok Computer", um namoro com o rock progressivo que definiu o final da década de 1990. Daí em diante, eles entraram numa brincadeira de gato e rato com a Indústria. Lançaram dois discos em que fundiam eletrônica, jazz e rock ("Kid A", "Amnesiac"), voltaram às guitarras em "Hail To The Thief" sem abandonar a eletrônica e, enfim, chegaram a "In Rainbows", que apesar de ser um grande disco, diz mais sobre como a banda deu um xaque-mate na Indústria vendendo eles mesmos os discos. A Indústria como a gente conhecia está com os dias contados. E o Radiohead é um porta-voz do futuro. Eles estão ditando a próxima onda.

O Radiohead ainda é uma das maiores bandas da atualidade?

O Radiohead é uma banda que testa seus limites. Digamos que eles podem fazer o que quiserem sem ninguém enchendo o saco. É um momento de calma rara no mundo pop, que lhes permite arriscar em outras áreas (como a comercialização do disco). Eles são artistas, não gostam de se acomodar. Então coisas boas podem vir pela frente. *Jornalista e editor do Scream & Yell

desafinado

